CONCEPÇÕES DE ALUNOS DO PROEJA SOBRE O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: "PRA QUÊ SERVE?"

Áurea Regina do Nascimento Santos[1], Rita de Castro Rodrigues[2]

[1] Especialista em PROEJA - IFPI. Professora de Inglês do Instituto Federal do Piauí. E-mail: aureasantos@ifpi.edu.br
[1] Especialista em PROEJA - IFPI. Diretora da Unidade Escolar Joel Ribeiro - SEDUC-PI. E-mail: rita.castro1@hotmail.com

Resumo: Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa sobre as concepções de 16 alunos do curso de Edificações do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, do Instituto Federal do Piauí (IFPI), sobre o ensino de línguas estrangeiras (inglês e espanhol). A metodologia utilizada incluiu a aplicação de questionários. Dos resultados obtidos, observa-se que a maioria dos alunos não reconhece a importância de uma língua estrangeira (LE) para o mercado de trabalho da área do curso.

Palavras–chave: Educação Profissional, Línguas Estrangeiras, PROEJA

1. INTRODUÇÃO

O PROEJA é o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos e, segundo o Documento Base (2007, p. 35):

> [...] tem como fundamento a integração entre trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral com a finalidade de contribuir para o enriquecimento científico, cultural, político e profissional como condições necessárias para o efetivo exercício da cidadania.

Tendo em vista que os sujeitos dos cursos do PROEJA são pessoas com uma trajetória escolar descontínua e que o mercado de trabalho do mundo contemporâneo está intimamente ligado ao desenvolvimento de novas tecnologias, bens, serviços e conhecimentos, observa-se que muitos alunos encontram dificuldades para desenvolver suas habilidades nessas várias áreas de atuação. Por isso, faz-se necessário um programa educacional como o PROEJA, que vem suprir as necessidades de milhares de pessoas que ficaram à margem do processo educacional, não cursaram o ensino fundamental e médio durante a infância e/ou adolescência por causa do trabalho, oferta insuficiente de vagas, entre outros motivos (SOEK, 2009, p. 6). Além de ser um programa educacional, o PROEJA é também um instrumento de resgate da cidadania e de construção de uma cidadania ativa.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para os jovens e adultos exercerem a cidadania, é necessário que se comuniquem, compreendam, saibam buscar informações e sejam capazes de interpretá-las e de argumentar a partir delas, o que implica o desenvolvimento de todas as habilidades lingüísticas. A aprendizagem da LE é, portanto, necessária como instrumento de compreensão do mundo, de inclusão social e de valoração pessoal. É parte indissolúvel do conhecimento essencial que permite ao aluno aproximar-se de outras culturas e integrar-se no mundo globalizado.

A relação LE *versus* globalização apóia-se em Corbett (2003, p. 40), que afirma:

> Uma parte essencial da consciência lingüística intercultural é o desenvolvimento da consciência crítica. [...] Destacar os princípios do ensino lingüístico intercultural é assumir que todos os tipos de comportamento (inclusive o comportamento lingüístico) são evidências das crenças e atitudes específicas da cultura.

Para os alunos do PROEJA, faz-se necessária uma maior contextualização do conhecimento, motivação dos alunos para que a aprendizagem do inglês e do espanhol seja significativa. Como o domínio desses idiomas está, gradativamente, se tornando necessário para o sucesso na vida

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

profissional, torna-se cada vez mais importante que seus alunos tenham êxito nas suas habilidades (MARTINEZ, 2006, p. 37).

Entre as dificuldades apresentadas por alunos em geral, podemos citar a autonomia necessária para a interação e produção de sentido dos atos de linguagem produzidos pela língua inglesa e espanhola e o "domínio de língua estrangeira como forma de ampliação de possibilidades de acesso a outras pessoas e a outras culturas e informações" (PCNs, 2000, p. 95).

Como os sujeitos desta pesquisa são alunos do PROEJA do IFPI, ao concluir um curso da Educação Básica Integrada à Educação Profissional na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, é necessário que eles tenham a capacidade de usar as LEs para a leitura e interpretação de textos, capacidade de desenvolver a estrutura lingüística e de adquirir repertório vocabular.

Por isso, o objetivo deste artigo é analisar a concepção de um grupo desses alunos do PROEJA sobre o ensino de línguas estrangeiras no curso de Edificações oferecido pelo Instituto Federal do Piauí.

Esta pesquisa foi motivada pela inquietação das autoras em relação a pouca importância dada pelos alunos do PROEJA às aulas de língua estrangeira. Assim, realizamos uma pesquisa de intervenção, que teve como objetivos: a) Conhecer o perfil dos estudantes de 02 turmas de PROEJA - Edificações do IFPI, no tocante à língua inglesa e espanhola; b) Identificar as dificuldades que os alunos encontram ao estudar as disciplinas de língua estrangeira; e c) Propor atividades que tornem as aulas dessas disciplinas mais significativas para os alunos.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O estudo realizado foi do tipo descritivo, em que observamos as características dos alunos de duas turmas do Curso Técnico Integrado ao Médio em Edificações (PROEJA). A pesquisa foi também exploratória, pois havia um escasso conhecimento sobre as dificuldades dos alunos do PROEJA no tocante às línguas estrangeiras.

Nesta pesquisa, escolhemos o enfoque quali-quantitativo, o que nos possibilitou uma complementação maior das informações. A pesquisa de cunho qualitativo se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p.21).

O instrumento de investigação utilizado na coleta de dados foi o questionário com questões abertas e fechadas, que se justifica pela possibilidade de obter uma quantidade maior de dados e anonimato dos participantes. O questionário permite, também, coletarmos informações mais reais e precisas. (GIL, 1999, p. 128). Os sujeitos da pesquisa são 16 alunos do curso de Edificações (PROEJA), 07 do módulo IV e 09 do módulo VI, turno noturno.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira parte do questionário compreendeu quinze perguntas objetivas referentes a sexo, idade, estado civil, nível de escolaridade, tipo de escola em que estudaram, tempo que ficaram afastados da escola, se trabalham, qual área, carga horária, renda, motivo para estudar no IFPI e qual a perspectiva para depois que concluir o curso.

Dos 16 alunos que responderam ao questionário, tivemos 50% de cada sexo. Embora outros alunos não tenham respondido o questionário, pudemos observar que a quantidade de homens supera a quantidade de mulheres nas turmas do Curso de Edificações.

Com relação à faixa etária, a maioria – 56,25% – está entre 18 e 30 anos, indicando que a clientela atendida pelo PROEJA é de jovens. Também encontramos 25% dos alunos com idade superior a 40 anos. E, quanto ao estado civil dos alunos que responderam o questionário 62,5% são solteiros.

Os dados relativos à escolaridade e ao tipo de instituição em que eles estudaram revelaram que 62,5% possuem apenas o Ensino Fundamental e desses, 80% estudaram em escola pública. Dos 37,5% que possuem Ensino Médio completo, 80% também estudaram em escola pública.

No que tange ao tempo de afastamento da escola, constatamos que grande parte dos estudantes – 68,75% – deixou de freqüentar a escola depois do ano de 2000, o que para nós representa um curto espaço de tempo de afastamento da escola.

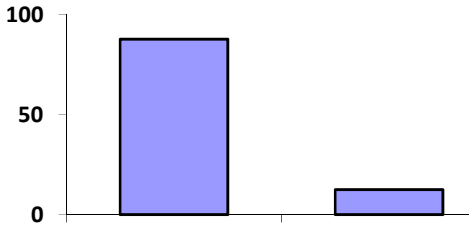
Sobre a condição de trabalhador ou não dos estudantes, constatamos que 67,75% exercem atividades laborais. Desses, 54,5% exercem suas funções com carteira assinada e já atuam na área da construção civil; enquanto 45,5% trabalham na informalidade e exercem atividades diferentes da área do curso como, por exemplo, costureira. Desses que trabalham sem carteira assinada, há também os que já atuam na área da construção civil e apresentam uma jornada de trabalho semanal superior a 40 horas (45,5%). A mesma quantidade de alunos informou trabalhar até 40 horas por semana. Isso nos leva a refletir sobre a disponibilidade que esses alunos teriam ou não para dedicar-se aos estudos fora da carga horária destinada às atividades presenciais.

Ainda no que diz respeito à sua condição de trabalhador, constatamos que 75% recebem até 03 salários mínimos e que essa é, também, a renda familiar. Esses dados, aliados aos que dizem respeito à carga horária semanal desenvolvida pelos sujeitos pesquisados, retratam a condição de exploração que faz parte do cotidiano de muitos trabalhadores em nosso país.

Os alunos informaram que a perspectiva deles para o período depois da conclusão do curso é de trabalhar na área da construção civil (37,5%) e cursar o Ensino Superior (62,5%) em cursos relacionados à mesma área como Engenharia Civil.

Os resultados relacionados aos motivos que levaram os alunos a escolher cursar o PROEJA no IFPI podem ser observados no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Motivos para cursar o PROEJA no IFPI (em %)



A segunda parte do questionário compreendeu treze perguntas, 08 objetivas e 05 subjetivas, que se referiam: ao acesso de conteúdos em LE em meios de comunicação; à importância de estudar uma LE; quais idiomas eles já estudaram na escola; quais as dificuldades que eles encontram em estudar LEs; qual a importância das aulas de inglês e/ou espanhol para a área do curso; se eles teriam pretensão de fazer algum curso extra de idiomas e que sugestões eles dariam para que as aulas de idiomas se tornassem mais significativas.

Em relação aos meios de comunicação que eles têm acesso, a televisão foi o que apresentou o maior percentual de acesso (Tabela 1). Já em relação ao acesso a conteúdos em língua estrangeira, a internet foi apontada por 25% como o único meio de acesso. Porém, 75% afirmaram não ter nenhum acesso a conteúdos em outros idiomas nos demais meios de comunicação.

Tabela 1- Acesso a meios de comunicação

Meios de comunicação	Acesso em %
Televisão	100
Rádio	68,75
Internet	68,75
Jornal	37,5
Revista	25

Em relação aos idiomas que eles estudaram durante a vida escolar, 100% afirmaram já ter estudado inglês. Desses, 62,5% também estudaram espanhol e 12,5% disseram ter estudado francês ou latim. E sobre os idiomas que eles já estudaram no curso de Edificações no IFPI, 100% afirmaram ter freqüentado aulas de inglês e 56,25%, espanhol.

Para complementar os estudos, 6,25% cursaram espanhol em cursos particulares, e 93,75% nunca freqüentaram aulas de idiomas além da escola *regular*. Além disso, 43,75% informaram ter a intenção de freqüentar um curso particular de inglês após a conclusão do curso de Edificações; 31,25% pretendem cursar espanhol e 6,25%, francês. Porém, 43,75% não têm nenhuma intenção em estudar outras línguas estrangeiras quando concluírem o PROEJA.

Aprender a se comunicar por meio de uma LE, além de constituir uma exigência social, também pode contribuir de modo muito significativo para a formação global do aluno. Aprender inglês ou espanhol não se justifica simplesmente porque existe uma expectativa social estimulada pelo crescimento dos intercâmbios culturais e pela circulação de informações e conhecimentos, mas também pelas situações educativas que a aprendizagem de uma língua estrangeira promove. Brown (2007, p. 36) afirma que a aproximação entre culturas - a nativa e a da língua estrangeira - coloca o aprendiz diante de desafios sócio-culturais que refletirão nos aspectos afetivo, cognitivo, político-ideológico e educacional que envolvem o aluno e seu contexto de aprendizagem.

No que se refere à importância de estudar uma LE, apesar de 25% terem afirmado que não vêem nenhuma importância em estudar idiomas, 75% afirmaram que as línguas estrangeiras são importantes para conseguir um bom emprego, comunicar-se com outras pessoas e viajar para o exterior. Entretanto, sobre a relação entre a área de Edificações e o estudo de outros idiomas, 37,5% disseram que não tem importância. Mas 62,5% acreditam que na área do curso é necessário o conhecimento de outros idiomas para que possam utilizar programas e equipamentos que estão em língua estrangeira.

Assim, vejamos alguns relatos:

> *É muito importante, pois o mercado de trabalho exige cada dia mais esse tipo de conhecimento.* (Aluno A)
> *Embora não utilizar em um canteiro de obra, vejo como um apoio para prestar um vestibular.* (Aluna A)

A partir desses dados, constatamos que 12,5% dos alunos consideram que ter conhecimento sobre um idioma estrangeiro é importante, mas não para a área de Edificações. Isso mostra que alguns alunos não estão cientes do diferencial que é possuir conhecimento em uma LE para atuarem no mercado de trabalho no mundo globalizado. Se os alunos não acreditam ser importante o conhecimento de uma língua estrangeira, eles também não se sentem motivados a estudá-la.

Os depoimentos mostram: a) que as transformações ocorridas no mundo do trabalho, decorrentes do acelerado processo de globalização da economia, característico da reorganização do sistema capitalista, estão a exigir, cada vez mais, a formação de um novo profissional, que, além do domínio da técnica, possua criatividade, dinamismo, competência e autonomia; b) uma descontextualização do currículo da língua estrangeira da formação profissional: o conteúdo é voltado para o vestibular, predominando, portanto, o estudo de regras gramaticais e interpretação de textos, como conseqüente ausência de definição de objetivos de ensino que levem em conta o aspecto comunicativo da língua (AGUIAR, 2002, p. 7).

Além disso, esse falta de motivação pode ser um resultado das dificuldades que eles enfrentam ao estudar outros idiomas.

Em relação às dificuldades que os alunos encontram nas aulas de LE, 25% afirmaram que o material didático não é satisfatório, 12,5% indicaram o pouco tempo disponível para estudar, 18,75% disseram que o problema é porque o idioma é complicado (pronúncia e escrita), 12,5% indicaram o tempo de afastamento da escola como o principal motivo e 31,25% disseram que a dificuldade é devido à falta de paciência do professor.

Vejamos alguns depoimentos:

É muito complicado aprender isto (inglês) e o professor, não acho bom o jeito que ele ensina. (Aluna D)
Pouco tempo de aula. (Aluna C)
Falta de conteúdos adequados. (Aluna F)

Segundo as Diretrizes Nacionais para Formação de Professores, é importante observar que a lei prevê que as características gerais da formação de professores devem ser adaptadas ou adequadas aos diferentes níveis e modalidades de ensino, assim como a cada faixa etária (Parecer CNE/CP nº 009/2001).

Embora se tenha investido bastante em programas de formação de professores nos últimos anos, a carência de pessoal docente qualificado para atuar na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos tem se constituído num dos pontos críticos e mais importantes na expansão da Educação Profissional no país. A formação de professores e a prática docente no PROEJA ainda é uma área de pesquisa que necessita ser mais bem explorada. Isso se justifica pelo pouco tempo de implantação dessa política de educação (SANTOS & OLIVEIRA, 2009, p. 22).

À falta de professores qualificados soma-se a pequena carga horária total das disciplinas de línguas estrangeiras, mais especificamente, no curso de Edificações (PROEJA) – inglês (120h) e espanhol (40h). Comparando-se ao ensino médio dito 'regular', em que a carga horária é de 180h para inglês e 60h para espanhol ao final de três anos de curso, vemos que os do PROEJA tem menos aulas de línguas estrangeiras (CEFET-PI, 2001, p. 10).

Segundo Botelho e Leffa (2009, p. 113), a inclusão da LE no currículo da escola, por si só, não é garantia do ensino/aprendizado eficiente dessas línguas. Assim, a seleção de conteúdos que o professor faz para as aulas de línguas estrangeira deveria está relacionada ao desejo do aluno em aprender.

Botelho e Leffa (2009, p. 121) afirmam que a escolha dos conteúdos de língua estrangeira deve responder a pergunta 'Para quê serve aprender uma LE?'. A multiculturalidade da língua estrangeira permite que se parta de qualquer realidade, incluindo a realidade do aluno brasileiro, de qualquer idade e de qualquer parte do país. É impossível não achar algo que não seja do gosto do aluno e que não sirva para seduzi-lo e incluí-lo numa determinada comunidade.

Por fim, os alunos deram algumas sugestões que eles consideram relevantes para uma melhor aprendizagem nas aulas de LE (Tabela 2).

Tabela 2 - Sugestões para as aulas de Língua Estrangeira.

Sugestões	Quantidade em %
Aulas dinâmicas (músicas, filmes)	56,25
Professor mais paciente	12,5
Não responderam	31,25

Essas sugestões vão ao encontro do pensamento de Palmer (1998, p. 26) que afirma que para ensinar é preciso ter coragem. Coragem para modificar sua prática pedagógica e transformar suas aulas em um ambiente de interação entre aluno-professor-conteúdo. Transformar suas aulas não significa que o professor vai virar a sala de cabeça para baixo e pedir aos alunos que façam coisas do outro mundo. Ao utilizar um vídeo ou uma música em sala de aula, o professor diminui a formalidade da aula que se baseia em leitura e gramática apenas e transforma o seu ensinar.

Para Freire (2003, p. 18), o ato de ensinar se configura num processo dinâmico e acontece a partir de uma relação de reciprocidade, pois à medida que o professor ensina, também aprende. Enquanto coloca-se como mediador do conhecimento, auxilia e interage junto aos discentes para formá-los na condição de pessoa, cidadão e profissional e, ao mesmo tempo, aprimorando sua formação pessoal e profissional através da relação dialética e interativa.

6. CONCLUSÕES

Ao observar os dados obtidos com essa pesquisa identificamos alguns aspectos que destacaremos a seguir.

Inicialmente, é preciso perceber que o aluno de um curso do PROEJA não é o estudante universitário, o profissional qualificado que freqüenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo. Ele é, na verdade, o trabalhador não-qualificado e com baixo nível de escolaridade ou o jovem geralmente incorporado aos cursos supletivos. E isso nos leva a refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem, sobre a definição de seu lugar social porque também não podemos tratá-los como crianças.

Esses alunos trazem, além de diferentes habilidades e dificuldades de aprendizagem, uma história mais longa e mais complexa de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas (OLIVEIRA, 1999, p. 61).

Assim, observamos que alguns dos alunos das 02 turmas do Curso de Edificações já estão trabalhando na área da Construção Civil, mesmo sem a formação escolar necessária, o que indica que eles exercem suas atividades na informalidade. E o fato de ter decidido estudar no IFPI mostra o quanto eles estão preocupados em melhorar suas condições de trabalho. Pois a maioria deles informou ter procurado o Instituto Federal pela qualidade do ensino, mesmo os que já possuem o ensino médio completo.

Outra questão que podemos destacar na pesquisa foi a que revelou os motivos que dificultam a aprendizagem de línguas estrangeiras. Um dado importante, já que muitos informaram que os principais motivos são a didática do professor e o material didático. Esse último, uma grande preocupação para nós, pois os cursos de PROEJA não adotam material específico e a elaboração de materiais para suas aulas fica sob a responsabilidade de cada professor. Preocupa-nos também o fato de que, como afirmaram os alunos, alguns professores não têm paciência pra ensinar.

Para fazer a aprendizagem da língua acontecer em sala de aula, a formação de um professor de LE envolve o domínio de diferentes áreas de conhecimento, incluindo o domínio da língua que ensina, e o domínio da ação pedagógica que envolve, além da competência profissional, o querer bem aos educandos (FREIRE, 2003, p. 141).

Ensinar levando em conta essas orientações requer que o professor exerça a atividade docente com autonomia e responsabilidade. Autonomia, porque não há uma receita a ser seguida, mas sugestões de como atender a uma mudança no enfoque do ensino de línguas e nas próprias características da sociabilidade e da produção do conhecimento nos dias de hoje. Os PCNs de língua estrangeira não apontam os conteúdos que devem ser ensinados, mas lembram que há um aspecto que não pode ser desprezado: o que o aluno sabe. É com base no conhecimento do aluno que o professor encaminha as atividades e busca fazer com que esse aluno amplie seu repertório.

Isso requer que o professor proponha tarefas que possam ser resolvidas pelos alunos e que, ao mesmo tempo, se constituam em desafios que os motivem; crie situações em que os alunos possam interagir; em que a sala de aula seja um lugar de uso da língua e de reflexão sobre ela; promova situações em que a interação não seja apenas de caráter assimétrico, mas, principalmente, que haja intercâmbio entre os pares; aprenda a compartilhar com os alunos algumas das tomadas de decisão sobre o processo de ensino, permitindo que eles sejam co-autores desse processo, capazes, sobretudo de atribuir sentido a ele.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, G. E. de. **O ensino de Língua Inglesa**. Teresina: EDUFPI, 2002, 152p.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília (DF): MEC/SEB, 2000.

____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica. **Programa Nacional e Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA Documento Base**. Brasília (DF): MEC/SETEC, 2007.

____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n° 5.693 de 1971**. Brasília (DF).

____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n° 9.394 de 1996**. Brasília (DF).

____. Ministério da Educação. **Lei nº 11.161 de 2005**. Brasília (DF).

____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 009/2001**. Brasília (DF)

CEFET. **Plano de Curso - Edificações**. Teresina, 2001.

CORBETT, J. **Developing Intercultural Language Awareness**. *New Routes*. Editora Disal. São Paulo, 2008.

BOTELHO G. & LEFFA, V. J. **Por um ensino de idiomas mais includente no contexto social atual**. Editora Parábola. São Paulo, 2009

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Por uma política de ensino de (outras) línguas**. *Em Aberto*, Brasília, ano15, n.65, out./dez., 1995.

BROWN, H. Douglas. **Principles of language learning and teaching.** 5.ed. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall Regents, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de janeiro: Paz e Terra, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. Editora Atlas. São Paulo, 1999.

LEFFA, V. J. **Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras.** In: LEFFA, Vilson J. (Org.). O professor de línguas estrangeiras; construindo a profissão. Pelotas, v. 1, p. 333-355, 2001.

MARTINEZ, Ron **Keeping students motivated through vocabulary instruction.** *New Routes.* Editora Disal. São Paulo, 2006.

MINAYO, Cecília de Sousa (org.) et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 3 ed., Petrópolis: Ed. Vozes Ltda., 1994.

OLIVEIRA, M. K. de. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Caxambu, 1999.

PALMER, P. J. **The Courage to Teach: Exploring the Inner Landscape of a Teacher's Life**. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1998.

SANTOS, J. A. & OLIVEIRA, L. A. **Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública.** Editora Parábola. São Paulo, 2009.

SOEK, Ana Maria (Org.). **Mediação Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos: Ciências Humanas.** Ed. Positivo. 1ª Ed. Curitiba, 2009.